

本 本 本 本 本



Monica Richter/AE

Alunos japoneses em São Paulo: sushi na lancheira

Japão troca rigidez por invenção na aula

LINA DE ALBUQUERQUE

Um dos maiores pólos mundiais de alta tecnologia, o Japão agora anda preocupado com a criatividade. A rigidez, marca registrada do sistema educacional japonês, aos poucos vem cedendo lugar a um ambiente propício às liberdades de escolha. O chefe de planejamento do Ministério da Educação japonês, Shigenori Yano, assegura que por volta de 1992 os estudantes do curso colegial ganharão o direito de optar por uma enorme gama de cursos especiais. Pequenos sinais desta abertura já podem ser detectados na Sociedade Japonesa de Educação e Cultura, destinada a filhos de japoneses em trabalho temporário no Brasil.

Os 520 alunos da Sociedade Japonesa, situada na Estrada de Campo Limpo, são protagonistas de cenas que pouco lembram o clássico estereótipo sisudo das escolas japonesas. Ao preço de uma mensalidade de NCzs 1.200.00 praticam kendô, fazem teatro e podem até aprender a tocar alguns instrumentos musicais. O diretor Yasuhiko Tamura parece atento às recentes modificações introduzidas nas escolas japonesas. Ele está ciente, por exemplo, de que os conselhos educacionais japoneses têm orientado ultimamente os professores a estimular as capacidades individuais dos estudantes. "Se o aluno vai mal numa escola japonesa, a responsabilidade maior passa a ser do professor", afirma ele.

Em entrevista à revista americana *Fortune* do mês passado, o diretor de educação da Universidade de Tóquio, Terushio Horio, reiterou a sua preocupação com o estímulo a criatividade. "O país precisa de mais pensadores, pessoas inventivas que possam oferecer idéias, ao invés de somente memorizá-las", disse. Recentemente, por exemplo, o governo japonês designou Azabu, um estabelecimento escolar público em Tóquio, como escola experimental. Ali os alunos frequentam cursos que ensinam a viver numa sociedade internacionalizada e fornecem métodos para

uma comunicação mais aberta.

Na opinião de Tamura, muitas das críticas feitas ao ensino japonês são embasadas em falsos mitos. "Não acredito que esse sistema exerça tanta pressão assim sobre o aluno", argumenta. "Se um estudante tem problemas pessoais e se suicida, o sensacionalismo não hesita em culpar imediatamente a escola." Tamura garante que todos os alunos de seis a 14 anos que passaram pela Sociedade Japonesa — normalmente o tempo médio de permanência tem sido de três anos — estão aptos a retomar os seus estudos no Japão sem perder os créditos escolares.

PIQUENIQUES E FAXINAS

Neste ano, Emi Saigo, filha de um engenheiro japonês, deve se despedir da Sociedade — que não oferece 2º grau. Aos 14 anos, ela vai prestar exames especiais pois, ao contrário da maioria dos alunos, pretende ingressar num estabelecimento brasileiro. Se for reprovada, no entanto, volta ao Japão e vai morar com os avós. "Os exames de equivalência costumam ser rigorosos porque só temos aulas de Português duas vezes por semana", lamenta. Na Sociedade, até os cursos de História e Geografia do Brasil são em japonês. E o próprio diretor não pode ser tomado como ótimo exemplo: ele está há três anos no Brasil e ainda não aprendeu a língua do País.

Se Emi conseguir entrar para uma escola brasileira, vai sentir falta dos almoços ao ar livre, onde os estudantes sacam os seus hashi, os tradicionais talheres japoneses, sobre toalhas estendidas no gramado. As marmitas são verdadeiras caixas de surpresa: elas tanto podem oferecer sushi como espaguete frio. Mas Emi deverá também ficar livre da faxina que todos são obrigados a fazer nas suas salas depois do almoço (eles permanecem na Sociedade das 8 às 16 horas). Esta é geralmente a última oportunidade para comer guloseimas, pois desembrulhar bombons durante a aula ainda é considerado ali um ato profundamente desrespeitoso.



Mônica Richter/AE

Emi (primeira à esq.) na piscina da Sociedade: despedida